

## Artigo\*

### A Sociedade da Informação e a Psicopedagogia - Reflexão Coletiva\*

#### Disparador: Ecos para Novos Conceitos

Coordenação: Rose Mary e Ligia

#### Discussão:

...o fato é que temos a honra de participar de um momento único na história: desprezamos os processos que “notabilizaram” o século XX (Charles Carlitos Chaplin, acredito, adoraria participar dessa revolução), reavivamos o aspecto lúdico e prazeroso da construção coletiva do conhecimento, redescobrimos o poder de vez e voz de cada anônimo, de cada ser pensante que deseje se expressar, resgatamos, enfim e contraditoriamente, com o uso das novas tecnologias, a “tecnologia básica” que sempre moveu o mundo: nossa humanidade e nossa potencialidade de nos expressarmos, nos comunicarmos, nos relacionarmos, nos amarmos...<sup>1</sup>

A tendência das gerações anteriores tem sido a de duvidar do movimento das posteriores. “No meu tempo, não era assim, não fazíamos assim, não nos comportávamos assim...” Como compreender as linguagens das novas gerações e integrá-las? Será que isso é possível?

A maturidade pessoal e profissional traz (ou deveria trazer) uma condição interna de capacidade de compreensão do outro e da evolução da humanidade; isso traz a possibilidade de identificarmos aspectos históricos, deixando outros obscuros, para os que vivem e fazem a História. Só o afastamento de um fato revelará os detalhes e clareará a rede política, ideológica e econômica subjacente. É como se fosse possível apenas vermos fotos, flashes; o filme, só as posteriores gerações verão.

Assim, atrevemo-nos a discutir e colocar no centro da roda nossas experiências, observações, ideologias, críticas e humanidade. A Psicopedagogia, como uma área de atuação com

---

\* Texto publicado no Boletim Informativo Psicopedagogia, edição de maio, junho, julho e agosto de 2007.

\* Esse artigo é resultante de dois momentos: o **encontro** de 12 psicopedagogos, no Café da Manhã com Psicopedagogia promovido pela ABPP Seção Paraná Sul, em 29 de abril de 2006; a **organização** de uma tarefa “internáutica” e a produção de um artigo que socialize as idéias debatidas de forma coletiva. Autoras: Simone Carlberg, Rose Mary da Fonseca Santos, Maria Silvia Todeschi, Ligia Beatriz Ragnini de Paula, Regina Bonat Pianovski, Ester Halfon, Eliane Mara Alves Chaves, Ana Maria Zenicola, Laura Monte Serrat Barbosa, Isabela Cristina da Silva, Sonia Maria Gomes de Sá Küster e Márcia Cristina Pinheiro Bertoldi.

função integradora e mediadora tem a importante tarefa de intervir no âmbito clínico e/ou institucional, sendo uma de suas sub-tarefas auxiliar os indivíduos (singular/plural) a ampliar o seu grau de autonomia social, moral, intelectual. Autonomia implica em respeito mútuo e cooperação; em exercitar a escolha, a opção, o que inclui a informação, a escolha dela e sua fonte.

A sociedade atual traz a trama da informação como instrumento que inclui, exclui e modifica as relações sociais, construindo sentidos e identidades de grupos. Interpretar necessidades que são criadas para alguém consumir exige um jeito diferente de aprender, e a escolha é parte importante. O novo não pode ser negado, nem ser acolhido aleatoriamente porque é o novo, assim como o velho não pode ser apenas o cronológico. A Psicopedagogia que se articula com o espaço institucional apresenta condições para dialogar sobre as mudanças que geram necessidades e os conflitos que delas decorrem, sobre os modelos prontos que agem de maneira imobilizadora e para privilegiar o construir com significado, capaz de transformar informação em conhecimento, produzindo mobilidade e argumentação para serem contrastadas e pensadas no coletivo, gerando autonomia.

Com as informações recebidas, refletimos: Estamos preparados para fazer uma seleção? A globalização não cumpre sua proposta de distribuir recursos aos povos mais necessitados. A mídia leva-nos a pensar que a realidade é constituída apenas daquilo que ela transmite. Produtos são mostrados, criando necessidades. As prioridades são invertidas.

Cabe a nós, educadores, pensarmos: Quais são os interesses vinculados às informações? Que tipo de cidadão nós ajudamos formar? Estamos respeitando as diferenças individuais, grupais, regionais, nacionais? Atualmente, é preciso um estado de alerta que nos proteja, como um programa antivírus. A grande dificuldade do processo é que, como cidadãos, consumidores de informação, educadores, também fazemos parte deste “caldo cultural”; aí está a tarefa árdua de educar, protegidos com o antivírus da informação.

Entretanto, o que isso significa? Não há como negar a importância das evoluções na nossa sociedade. Estamos, sim, na Era da Informação; isso faz parte, mas não pode ofuscar a nossa própria experiência, capacidade criadora e existência. Infelizmente, o que temos visto são os riscos de uma “epidemia global”. Como selecionar o que importa ou é relevante? Não podemos aprender tudo, mas escolher o que é significativo, resgatar valores e priorizar qualidade de vida. É a grande

aprendizagem: Como não se perder num turbilhão de culturas impostas pela mídia? Como não esquecer daquilo que nos torna singular?

A Psicopedagogia vem resgatar a capacidade de aprender, de conhecer a si mesmo, de procurar ultrapassar e respeitar os próprios limites, como aceitar e respeitar o limite do outro; vem mostrar ao sujeito que não se deve jogar fora o que foi importante, mas analisá-lo sob os refletores da modernidade, resgatando-o e integrando-o aos conhecimentos novos.

Somos cada vez mais pessoas que têm acesso à informação, uma sociedade de consumo, ávida não só por ter, como por saber. Com a facilidade para obterem-se informações, é preciso exercitar a discriminação daquelas necessárias à vida, tanto no aspecto profissional, quanto no pessoal. Somente uma informação significativa pode se transformar em conhecimento e passar a fazer parte do indivíduo e de sua transformação.

Eduardo Galeano discute a questão das mudanças de perspectiva e de paradigma na vida atual. Lembrando *Alice no País das Maravilhas*, coloca: “Há cento e trinta anos, depois de visitar o país das maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar nenhum espelho: bastaria que chegasse à janela.”<sup>ii</sup>

Isso não é privilégio nosso, mas fez parte de todos os momentos da humanidade. Estar cara a cara com a novidade sempre causou espanto e medo, e o homem buscou alternativas para explicar, desviar, conviver com o desconhecido, transformando e criando suas próprias novidades. “Todo dia, ela faz tudo sempre igual...” Mesmo as palavras lindas de Chico Buarque não nos enganam; a mudança é o amigo (ou inimigo) que mora ao lado. Pensando em aprendizagem, pensamos em desequilíbrio; só se aprende o que não se sabe. Essa é a tarefa a ser aprendida: organizar-se para viver na e fazer parte da sociedade da informação.

Cá estamos nós, teclando idéias; encomprando esta cobra de várias cores, experiências e informações. Como uma cobra que serpenteia, ou um caleidoscópio, altera suas formas, fazendo novos arranjos, combinações de forma e cor que surgem sem negá-las, mas integrando-as, dentro de uma gestalt possível. A possibilidade de dar conta de tudo é uma tarefa tentadora para nosso sentimento de incompletude, porém inglória. Por outro lado, não podemos nos deixar aniquilar por não atendermos à demanda de consumo. Devemos nos vergar ao vento, saboreando a brisa forte, mas sem quebrarmos.

Talvez, a saída possível para uma aprendizagem atuante, contemporânea e saudável seja a de utilizar a informação como indagação, proposta para compartilhar, usar de forma cooperativa, fazer surgir como um desejo de saber para além, cuidando de tomar consciência do que sabemos e, sobretudo, do que o outro sabe e que nos acrescenta.

É como um caleidoscópio que muda e que não deve desintegrar, mas unir, atando saber, querer e possibilidade de fazer com que sejamos capazes de nos complementar, e não de nos opor. Agregamos um olhar psicopedagógico à nossa práxis, transformando não só nosso espaço profissional, como também o pessoal.

Apropriando-se dos eixos teóricos da Psicopedagogia, buscamos conhecer o “ser cognoscente”<sup>iii</sup> nas dimensões racional, relacional e desiderativa que, engrenadas numa dimensão funcional, subsidiam a compreensão de uma sociedade aprendente.

Segundo Assmann<sup>iv</sup>, “com a expressão ‘sociedade aprendente’, pretende-se inculcar que a sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas”.

Pensamos que a educação não poderá negar a profundidade e a rapidez da penetração das TIC (tecnologias da informação) na vida. A sociedade da informação contém uma série de vantagens e alguns riscos, como a diminuição da sensibilidade solidária. Ao ousarmos construir um texto coletivo, utilizando os recursos das TIC, buscamos aliar os axiomas psicopedagógicos com o intuito de criar uma linguagem em rede que busque difundir uma educação fraternal e solidária; que compreenda a informação como produto da interação e como fonte de desenvolvimento, sem perder de vista a sua função social; que convide o aprendiz a refletir sobre como está fazendo uso das informações e para quais fins. Enfim, uma educação que se utilize da informação como ferramenta para construir e reconstruir saberes e sentimentos.

---

<sup>i</sup> BICARATO, Paulo. **Ecos para novos conceitos**. Disponível em: <<http://by118fd.bay118.hotmail.msn.com/cgi-bin/getmsg?curmbox=00000000%2d0000>> Acesso em: 28 abr. 2006.

<sup>ii</sup> GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 2.

<sup>iii</sup> SILVA, Maria Cecília. **Psicopedagogia**: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>iv</sup> ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 19.